

## Uma agradável surpresa: O Evangelho segundo Pilatos

Eric-Emmanuel Schmitt, dramaturgo e romancista francês, publicou em 2000 um romance que, pelo simples título, chamava logo a atenção. Mais ainda no nosso meio, depois da polémica surgida em volta do romance de Saramago «O Evangelho segundo Jesus Cristo».

Soube-se que o autor dedicou mais de 8 anos a preparar e escrever o romance *O Evangelho segundo Pilatos*<sup>1</sup>.

Para a generalidade das pessoas, o título do romance é algo intrigante. Não sendo um romance escrito por um cristão assumido, há nele um respeito pela tradição cristã e pelo que os evangelhos significam que constitui uma agradável surpresa. Há um realce da estatura humana de Jesus, (Yéchoua, em aramaico) e uma aproximação profunda ao essencial da sua mensagem, com indícios de uma aceitação do mistério central: a Ressurreição. Aliás, toda a obra é uma tentativa de acreditar na Ressurreição.

O título não é assim tão estranho. Há, na literatura apócrifa, as «Actas de Pilatos» ou «Evangelho de Nicodemos»<sup>2</sup>. Schmitt faz uma

---

<sup>1</sup> E. E. SCHMITT, *L'Évangile selon Pilate*, Paris, Edit. Albin Michel, 2000. Está também traduzido em português. Nós seguiremos a edição original. Para facilitar e agilizar a leitura, as citações directas que fizemos desta obra serão assinadas com as devidas aspas ou em itálico, mencionando entre parêntesis a página onde se encontram.

<sup>2</sup> A. SANTOS OTERO, *Los Evangelios Apócrifos*, Madrid, Edit. BAC, 1990<sup>10</sup>, pp. 396 e seguintes.

simples adaptação no título. Na mesma colectânea de apócrifos, aparece também a correspondência entre Pilatos e Tibério, o imperador, e entre Pilatos e Herodes. Num outro texto: «A Vingança do Salvador», fala-se de Tito, régulo às ordens de Tibério na Região da Aquitânia. Tito será o interlocutor ausente da segunda parte do romance. Nunca responde, a não ser como eco do próprio autor, que aliás refere isso mesmo <sup>3</sup>.

Na primeira parte, intitulada «Prólogo: Confissão de um condenada à morte na noite da sua prisão» apresenta-se uma vida de Jesus em que vêm ao de cima algumas das conclusões da exegese dos nossos dias. As que apontam no sentido de Cristo não ter tido sempre uma consciência plena da sua missão messiânica. Afirma Daniel Spoto <sup>4</sup>: «Durante a sua vida terrena, carnal, Jesus estava escondido; as implicações completas da sua identidade, enquanto revelação última de Ele mesmo por Deus, permaneciam escondidas, não apenas à sua família, aos seus amigos e aos seus discípulos, mas também para ele mesmo, que não tinha disso plena consciência».

A personagem Pilatos que se questiona e fica fascinado com as revelações da mulher pode ser um eco das afirmações de vários padres do oriente que não só o desculpabilizaram, como o chegaram a incluir entre os mártires cristãos. E o irmão Tito a quem Pilatos escreve é, certamente, o irmão Schmitt escrevendo a ele próprio.

## 1. A descoberta que Jesus faz de si mesmo

Com 3 amigos de infância, inseparáveis: Mochèh, Ram e Késed, à saída da escola, improvisam um jogo infantil, denominado “gato tocado”, em que uma criança procura tocar a outra, passando a criança tocada a ser o gato. (13) Em primeira pessoa, Yéchoua confessa a vontade que sentia de ganhar, tendo subido uma enorme ponta rochosa. Os seus colegas estavam de tal forma entretidos

---

<sup>3</sup> Cf. E. E. SCHMITT, *op. cit.*, p. 321: «... j'adressais d'abord ces lettres à moi-même».

<sup>4</sup> D. SPOTO, *Un inconnu nommé Jésus*, tradução do inglês, Le Pré aux Clercs, 2000, p. 283.

com o jogo que nem deram por ele. Ao fim de alguns minutos «lancei um grande grito para assinalar a minha presença». (14) O pior foi depois. Não conseguia descer, porque os sonhos não valiam para tal. Valeu-lhe José, o pai que, depois de o ter já no chão, em segurança, abraça o filho, ao mesmo tempo que lhe pergunta: «-Ao menos, terás aprendido qualquer coisa, hoje? – Eu sorri-lhe. Não apreendi imediatamente algo que hoje sei: tinha deixado a infância. Uma coisa são os sonhos e outra a realidade, o mundo verdadeiro. E também entrevi que tinha de morrer, porque, normalmente, a morte não me dizia respeito». (15)

O pai propõe-lhe ser Rabi, mas, para tal, não se sente vocacionado. Diferentemente dos colegas, ele questionava o Rabi, e queria compreender que tudo tinha um sentido. Por isso o denominavam o Yéchoua das mil perguntas. (18) Pouco depois, o pai morreu. E ele penitencia-se de não lhe ter dito que o amava (20). Descobre que não deve haver vergonha de manifestar aos outros que os amamos. Isto contrariava os costumes do seu povo. «A minha mãe tentava explicar-me que havia uma lei não escrita que fazia calar os sentimentos». (21) Era a lei do pudor. Além disso, a mãe dizia-lhe que não se pode amar muito, porque isso faz sofrer muito. (21)

Esse amor começa a tomar formas concretas na defesa das mulheres que, por causa de tradições sem razão, eram impedidas de seguir o caminho que o amor lhes ditava. Era o que acontecia com Judite a quem os pais impediam de casar com um Sírio, porque não respeitava a lei judaica. Os pais fecharam-na em casa. E ela, ao fim de uma semana enforcou-se. Raquel, por seu turno, tinha sido forçada a casar-se com um rico proprietário de animais, um homem mais velho do que ela, peludo, enorme, intolerante e que lhe batia. Era um casamento contranatura, pelo que ela acabou por se enamorar por um pastor da mesma idade dela. Descoberta, foi lapidada! Todos estes crimes se cometiam em nome da defesa da Lei. «E a Lei tinha um autor, Deus. Decidi que não amaria Deus». (22) Seria mais apropriado afirmar que ele decidiu não aderir a *este* Deus que os seguidores da Lei evocavam e invocavam. Ele tinha sede de um outro Deus, preocupado com a justiça e o amor.

Decide então abrir uma oficina, pois, como era o mais velho, tinha de garantir o pão para os irmãos e irmãs. (23) A oficina era o local onde acorriam as pessoas que precisavam de desabafar e de confidenciar. Em breve lhe chamavam o templo das lágrimas. E ele descobriu que o acolhimento que fazia às pessoas lhe fazia tanto

ou mais bem que a elas, além de lhe tirar a cólera que era tentado a sentir perante tanta injustiça em nome da Lei. «Procurando conduzir os nazarenos para uma região de paz e de amor, eu avançava para ela. A minha revolta apagava-se diante da necessidade de continuar a viver, de ajudar o outro a viver. Dava-me conta de que Deus era algo a fazer». (24)

Os judeus eram um povo que gostava de histórias. Yéchoua tinha um comportamento diferente: passava longas horas da sesta a rezar e a ler, sozinho, livremente, multiplicando os debates interiores. (26) A religião oficial não lhe agradava. Tinha perdido o espírito e cultivava a letra. Ele seguia outro caminho para encontrar a Palavra de Deus: o silêncio e a meditação. (27)

A perfeita normalidade humana de Jesus, embora com traços diferenciadores é manifesta no romance quando, depois de já ter falado em irmãos e irmãs, Yéchoua, fala da recomendação da mãe para que constitua família, tal como o tinham já feito os colegas e amigos. E então houve Rebeca, que tinha até o assentimento de ambas as famílias. Vivia em Nain e era de uma rica família de armeiros. (29) A revelação de que nele havia algo de completamente diferente surgiu precisamente quando a levou a um bom restaurante. Ela embelezou-se mais do que de costume. Mas, à entrada do restaurante, um velho e uma criança pediam esmola. Rebeca respondeu-lhes secamente que passassem mais tarde, tendo-se eles afastado respeitosamente.

O jantar foi sendo servido com todo o requinte e Yéchoua tinha a impressão que constituíam o centro do mundo, que jamais se tinha visto um par de namorados tão jovem, tão vivo e tão belo. Na sobremesa, ofereceu-lhe um broche. Ela ficou tão confundida com o presente que caiu em lágrimas de enorme felicidade. Estavam tão contentes que sentiam vontade de fazer amor. Senão quando, o velho e a criança apareceram de novo a pedir esmola. Rebeca enraiveceu-se e mandou chamar o dono do restaurante para expulsar os indesejados. É neste momento que Yéchoua reflecte na contradição entre a felicidade (*bonheur*), que ambos sentiam, no alimento que até sobrava, os presentes trocados, em contraste com a fome dos dois pedintes. Perante ela, o egoísmo parecia vencer.

No dia seguinte, romperam o noivado. «A verdade é que nessa noite, na margem do rio, na euforia enamorada que nos estreitava um ao outro e nos fazia rejeitar a miséria, eu tinha descoberto o que há de profundamente egoísta na felicidade: recusar-se a ver o

mundo tal como ele é. Numa noite, a felicidade tinha-me parecido insuportável.

À felicidade, eu queria preferir o amor. Não o amor que eu sentia por Rebeca, o amor exclusivo, esta prevalência furiosa. Não queria o amor em particular, queria o amor em geral. O amor, devia-o guardar para o velhinho e o filho esfomeado. Devia guardar o amor para aqueles que não eram nem muito bonitos, nem muito divertidos, nem muito interessantes, de modo que o atraíssem naturalmente. Eu queria o amor para com as pessoas não amáveis». (32-33)

Uma outra descoberta importante vai fazê-la quando o amigo Mochéch perde o filhinho mais velho. Perante a revolta do pai e o seu desespero, ele dir-lhe-á que não procure compreender o incompreensível. Para suportar este mundo é necessário renunciar a dominar aquilo que te ultrapassa. «Tudo o que tu sabes é que Deus te ama». (35) O sofrimento não pode ser uma ocasião para odiar, mas para amar. «A única coisa que nos ensina a morte é que é urgente amar». (36) Perante estas palavras, o amigo deixou de se lamentar. É certo que nada suprime a pena, «mas o verdadeiro coração torna-a útil e benéfica». (37)

Donde vinha a Yéchoua toda esta sabedoria? Provinha do fundo de si, do fundo da oração. Não era um sábio das escrituras. «Junto ao lago captava-se o silêncio reconfortante de Deus, o silêncio que se encontra no fundo da oração» (39) O primo João alertava que só com o arrependimento do coração se podia obter o perdão dos pecados, pois é a observância do espírito da lei que torna o coração puro. (42)

Fala também da escolha dos discípulos e das tentações no deserto. «No deserto, só desejava uma coisa: encontrar-me. Mas, no deserto, o que verdadeiramente tinha encontrado era Deus. (51 e 54)

No 39.º dia de deserto, decidiu vir para o meio dos homens. E face a todas as dúvidas que lhe surgiram, resolveu lançar a si próprio o desafio de acreditar que todas as suas quedas e pesadas meditações o conduziam a Deus e não a Satan. Acreditou que tinha qualquer coisa de bom para fazer: enfrentarei o desafio de acreditar nele». (56) E isso implicava a aposta ainda mais forte de esperar e desejar a sua morte. (56)

João Baptista convida André e Simão a deixarem-no e a seguirem Jesus. Percorrem a Galileia e fazem uma outra descoberta: «Com Deus, descobrimos a despreocupação». (58) Os homens joga-

vam as cartas erradas da força, do poder e do dinheiro. «Eu só amava os excluídos, os pobres, os aflitos, as mulheres, os perseguidos. Os pobres tornaram-se os meus irmãos, o meu ideal». (58)

Outra descoberta maravilhosa: «Deus falava-me como uma mãe. As virtudes que Deus me dava para me guiar eram só virtudes femininas». (59)

Faz, depois, uma prolepse e enuncia a vida das primeiras comunidades cristãs: «nos primeiros tempos, inventávamos uma nova maneira de viver. Abolíamos a desconfiança e a maldade. Recebíamos e dávamos. Éramos livres». (61) Isso dava a entender que «aos olhos dos poderosos éramos fracos! Mas enganavam-se: sós, não tínhamos mais saída do que isolar-nos do mundo; reunidos, íamos podê-lo transformar». (61) Este tipo de vida não era compreendido pela própria família. Consideravam-no um vagabundo. Só que a vida deste novo profeta alimentava-se de um ensinamento que ele tinha ido buscar ao fundo do poço: «amar o outro ao ponto de o aceitar, mesmo nas suas asneiras. Responder à violência e à agressão com o amor é violentar a violência, torná-la odienta e inaceitável». (63) E à mãe, que tinha dúvidas quanto ao Deus que comandava a vida do filho, responde que é um Deus que é pai, que ele consulta no fundo de si mesmo quando se isola para meditar. (63) Implicava isso deixar de amar a mãe e os irmãos? Não! «Eu amo-te, mãe, e também meus irmãos e irmãs. Mas isso não me basta. É preciso amar ainda aqueles que não nos amam. E amar mesmo os nossos inimigos». (64) Será precisamente este amor dos próprios inimigos que o levará a tomar a decisão de acolher este Deus que propõe tão grande exigência moral.

Na vida pública, com os milagres, vieram as incompreensões. Ele ia mais longe: comprometia os curados a rezar, a encontrar neles o poço do amor. Os que o conseguiam, melhoravam; os outros, não. Face à doença, não tinha qualquer poder, salvo o de, eventualmente, ajudar a abrir a porta que conduz a Deus no fundo de si. «E até esta porta não posso abrir sozinho. É preciso que me ajudem». (66) Esta confiança no poder inabalável que o homem pode encontrar em si quando se abre e vai ao que de mais fundo o habita é um hino à liberdade e à dignidade humanas que só numa concepção iluminada por Deus encontra verdadeiro fundamento e sustentação.

Mostrando que está bem dentro da perspectiva exegética contemporânea sobre os evangelhos e os textos do Novo Testamento, que devem ser vistos, não tanto como um relato factual e objectivo

do que aconteceu e como sucedeu, mas como testemunhos do encontro dos primeiros discípulos com o Ressuscitado, em que o mais importante não é acreditar que, há muitos anos, Jesus Cristo passou fazendo o bem, mas experimentar que, hoje, Ele continua a fazer o bem, curando as nossas feridas e ressuscitando o morto que há em nós <sup>5</sup>. Tal como nos textos evangélicos, fala-nos o narrador-personagem das suspeitas e incompreensões do clero, que não suportava a maneira como ele procurava descer ao fundo do poço para encontrar o Pai e voltar com um amor inesgotável. Em contração aos legalistas do Sábado e outros preceitos da Lei, ele só falava de amor. E, apesar disso, tinha muitos inimigos.

A atitude para com a mulher pecadora, muito na linha do que fez Jesus, de acordo com os evangelhos, realça a força inesperada do amor. Entre os acusadores da pecadora, só restava um, aliás jovem. Yéchoua pergunta-lhe se ele realmente acreditava que nunca tinha pecado, mas, sem o ameaçar, apenas interrogando-o ternamente: «Estás seguro de nunca ter pecado? Eu amo-te tal como tu és, mesmo que tenhas pecado. O jovem sobressaltou-se. Esperava tudo, menos o amor». (74)

Para este evangelho é Judas o confidente e amigo de Jesus, a quem o próprio Jesus pede para o entregar.

Em Nain, encontra Rebeca, viúva já há anos e que acabava de perder Amós, o seu filho único. Yéchoua fá-lo reviver e Judas interpela-o sobre quando deixará de negar a evidência de que o ressuscitou. Mas para acreditar nisso, tinha que ser convencido por Deus. «E eu sabia que ele não era o mais forte, que ele não obteria nada sem o meu consentimento» (82) E depois de uma noite de luta interior, de manhã, tinha aceite que Deus o amava muito. (82) Confidência, então, a Judas que está convencido de que é ele o esperado por todo o Israel. É o Filho. E Judas exultou... sem suspeitar a que noite esta manhã os conduziria, nem o que tal desafio ia exigir deles. (83)

Ja ser condenado à morte como revolucionário, quando a única revolução a que tinha apelado era a revolução interior. (84) E a realeza que proclamava era outra. «Nenhum trono, ceptro ou lança pode purgar-nos e abrir-nos ao verdadeiro amor. Cada um leva

---

<sup>5</sup> Cf. J. ESPEJA, *Jesucristo la invención del diálogo*, Pamplona, edit. Verbo Divino, 2001, pp. 221 e 226.

em si o meu Reino, como um ideal, uma quimera, uma nostalgia; cada um tem em si a pulsão íntima, o doce desejo. Quem não se sente filho de um Pai que ignora? Quem não gostaria de reconhecer um irmão em cada homem?» (86) O seu Reino já aí está, esperado e sonhado sem cessar. «O *élan* do amor já aí está, palpitante, mas incessantemente contrariado, retido, tímido, decepcionado. Eu não abro a boca senão para nos darmos a coragem de sermos nós mesmos, vivermos a temeridade do amor. Deus, embora já esteja lá, necessita sempre que o tornem presente». (86)

A família de sangue não o compreendia, não aceitava que ele pusesse em lugar mais alto o amor em geral do que o amor particular. Por isso os familiares o abandonaram. Até a mãe ficou a chorar, mas, à noite, fê-la entrar e misturaram as lágrimas. «Ela nunca mais me abandonou. É mesmo um motivo de forte regozijo que eu tenha convencido minha mãe». (89) Juntamente com a mãe e outras mulheres está sobretudo Madalena, uma mulher tão nobre entre as mulheres que fazia esquecer a cada um «incluindo a mim, que ela podia ter sido minha mãe». (89)

A morte não é o termo da existência, pois «existimos depois desta vida em função do que foi esta vida. «A morte não podia ser mais que uma bela surpresa». (91)

Yéchoua vê e experimenta que é uma missão impossível convencer os habitantes da Galileia e de Jerusalém de que o importante era a religião do coração, que não exclui a da lei. Além disso, não se excluía, pois a inspira. (95) Pelo poço do amor tinha acesso directo a Deus». (95)

Aproximava-se a Páscoa... Como era possível que o Pai quisesse a sua morte? Judas animava-o, porque 3 dias após a morte seria a ressurreição. Mas tinha de morrer: «Do íntimo do poço, uma voz dizia-me que o amor, o grande amor, nada tem a ver, por vezes, com a justiça; que o amor, por vezes, se deve mostrar cruel; e que meu Pai, também ele, choraria quando me visse sobre a Cruz». (103)

Sobre a ceia eucarística: «A minha carne será o vosso pão, e o meu sangue a vossa bebida. É-se um desde que se ama». (103)

Só a Judas, o discípulo preferido, podia pedir o sacrifício de o entregar. «Ele entendeu-me e fez um gesto de aceitação, mas com pena. Ele levantou-se e disse-me que ia cumprir o pedido. E eu agradeci-lhe». (105)

Depois, Judas não se perdoa e quer enforcar-se. Jesus diz-lhe que o perdoa, mas Judas não aceita e sai, perturbando toda a gente.



Os outros discípulos não adivinharam nada do que se estava a passar. Só a mãe: «Sentado ao seu lado, ela fez-me compreender que aceitaria tudo, que o aceitava já. Sorriu-me. Eu sorri-lhe. E mantivemo-nos longo tempo assim, apegados ao sorriso um do outro. Eu olhava este rosto sob o qual tinha aberto os olhos; amanhã, eu fechá-los-ia diante deste olhar. Olhava estes lábios que me tinham cantado canções de berço; jamais abracei outros. Olhava para esta velha mãe que eu tanto amava e murmurei-lhe: Perdoa-me». (107)

A grande prova de se é ou não testemunha do Pai, ou simplesmente um louco, virá após a morte. E por isso, os receios humanos que naturalmente experimenta, nada são em comparação com aquilo que espera.

E esta primeira parte termina assim: «Eis que a coorte aparece através das árvores. Judas traz uma lanterna e conduz os soldados. Aproxima-se. Indica que sou eu.

Tenho medo.

Duvido.

Queria salvar-me.

Meu Pai, porque me abandonaste?» (108-109)

Realce-se o lado profundamente humano de Jesus e a descoberta do amor aos outros, sobretudo aos mais desprotegidos e até aos inimigos como a grande e profunda revelação que cada um pode alcançar se for ao fundo do poço do seu coração e na escuta e oração se abrir a este dom de Deus.

## **2. A Grande luz: a Ressurreição.**

A segunda parte do romance, intitulada precisamente «O Evangelho de Pilatos» tem uma estrutura muito peculiar: são 24 cartas, todas do mesmo emissor, Pilatos, para o mesmo destinatário: Tito, que apelida de irmão. As cartas têm uma extensão variável, desde umas com mais de 20 páginas, a outras de 1 página, 3, 4 ou 10 e 12.

Jerusalém é descrita por Pilatos como a capital da mentira religiosa, da exploração das almas ingénuas, a capital da manipulação dos espíritos, uma cidade de inanidade que o mago de Nazaré tinha denunciado com violência.

Tito e Pilatos, em Roma, tinham tido Cratério como preceptor. Ele era um filósofo cínico, discípulo de Diógenes. Não espanta, pois, que ao longo das cartas, Pilatos tente desmontar todos os argumentos que lhe apresentavam justificando a ressurreição do mago de Nazaré. Só que a própria mulher, Prócula, para com a qual tinha uma grande veneração e respeito, defende a obra de Jesus e dá a entender a enorme admiração que sente por Ele. Só no final da correspondência se saberá que ela era uma das discípulas de Jesus, que tinha presenciado a sua morte e era testemunho vivo da sua ressurreição. Duas outras mulheres afirmavam que Jesus tinha ressuscitado: Salomé e Madalena. O seu testemunho iria mexer com as pessoas. (201) Passa em revista o episódio dos discípulos de Emaús. Fala da admiração com que Cratério ficou pela nova religião ao ouvir as explicações dadas por Prócula. Uma religião surpreendente. «A única que se aproxima da filosofia! Tal como ensinam os nossos mestres gregos, fala-se apenas de um Deus, o único». (217) Surpreendente ainda, porque, diferentemente de todas as outras religiões e até filosofias, que são essencialmente nostálgicas, viradas para o seu passado fundador, eles avançam, progridem! «Põem a felicidade no futuro, esperam-na, como se a história não fosse redonda, cíclica, mas em movimento, uma flecha lançada sobre um alvo». (220)

A proposta de vida de Yéchoua não lhe pareceu muito distante da do grande Diógenes: «vida simples, frugal, desprezo dos poderosos, acolhimento da mulher, respeito pelos homens, desde que se mostrem dignos de ser homens...» (221)

Pilatos continua surpreendido com a reacção de João, porque, apesar de o ter condenado à prisão, lhe diz que o ama e que isso lhe foi ensinado pelo mestre. E que perdoava não só a Pilatos mas a todos os seus amigos. Como o Mestre, murmurou: «Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.» (243) E um amor assim era demasiado. Pilatos não o compreendia. A sua bondade era quase insuportável. E reage:

- Vós sois malucos! Vós sois todos malucos! Caifás tinha razão: é preciso impedir-vos de pensar, de falar! É necessário executar-vos a todos!
- É assim tão indecente querer o amor?
- Sim. Eu não quero do teu amor. Prefiro escolher quem mo dê. E a quem eu o dê. É um domínio reservado.

– Tens razão, Pilatos. O que nós nos tornaríamos se nos amássemos todos uns aos outros! Pensa nisso, Pilatos: o que é que nós nos tornaríamos num mundo de amor?... O amor seria a destruição do teu mundo. Tu não verás o Reino do amor senão sobre as cinzas do teu». (244-45)

Depois de ter feito amor com Cláudia Prócula, como se fosse a primeira vez, ela tem algo para lhe dizer. Que viu Yéhoua naquela noite. Que lhe apareceu. Ele ressuscitou. Perante estes factos, Pilatos confessa a Tito, na carta 9, que não pode perder o bom senso. Dizem que o profeta apareceu a várias pessoas anunciando a Boa Nova. Mas Pilatos não consegue compreender o que é essa Boa Nova. E Cláudia diz-lhe que para começar a entender terá que ir aos textos da Lei judaica. (249) E será a ressurreição que ajudará a dar sentido a muitas passagens da Lei e dos Profetas. Por exemplo, que o templo de que falava era o seu corpo e que ressuscitaria em 3 dias.. E que tinha de morrer numa cruz, como um vulgar ladrão, já o tinha advertido Isaías. O diálogo com Nicodemos tornava-se cada vez mais difícil para Pilatos, pois para entender o que ele denominava de loucuras judaicas, tinha de acreditar em duas coisas que não podia subscrever: acreditar nos textos proféticos e em que Yéhoua ressuscitado era o homem providencial anunciado por este tecido de asneiras. (255-56)

Pilatos está cada vez mais perturbado, porque a sua razão não consegue ser convincente na negativa da ressurreição. Mas até Cratério lhe vai dizendo que compreende bem a sua morte na cruz, pois, para Yéhoua, a virtude é a única riqueza. Por isso, o verdadeiro sábio não teme a morte, porque sabe que a morte não é nada. Aliás, a única maneira de ser sábio é encarar a morte como uma festa.

Uma coisa não tinha coragem de confessar a Caifás. Que ele, Pilatos, tinha tentado justificar o êxito do Profeta na Judeia, entre as mulheres e os mais desprotegidos. A única razão para acreditar na inocência de Yéhoua era Cláudia. Como filha da aristocracia romana, sabia melhor do que ninguém onde está um demagogo. Ora Yéhoua tinha conseguido sossegar os sofrimentos de Cláudia pela ausência de filhos; tinha-lhe dado uma paz e uma confiança de que ele beneficiava já há longos meses. Todavia, isso só provaria que Yéhoua não era um impostor, não que tivesse ressuscitado.

Pilatos confia a Fabião, primo de Cláudia, que se sente enfraquecido na vontade de dizer não à ressurreição, porque ama a esposa e conhece a sua grandeza de espírito. E o amor enfraquece, acrescentou. Ao que Fabião contesta: «É o amor que te torna tão forte. Se tens essa aparência direita, sólida e inquebrantável, Pilatos, não é porque sejas um bom nadador ou um bom cavaleiro. É porque tu amas Cláudia e tu és amado por ela. Tenho a impressão de que é a tua verdadeira coluna vertebral». (280)

A ferida sangra. Ou seja, Pilatos já não consegue encontrar razões válidas para refutar a ressurreição. E o golpe maior dá-lho uma carta de Cláudia entregue por José de Arimateia. Nela lhe revela que, junto à cruz, havia 4 mulheres: Maria de Nazaré, Maria de Magdala, Salomé e ela própria. Por isso lhe diz «.. a quarta mulher era a tua esposa, Pilatos. Não tive coragem de o confessar, nem a ti nem aos outros, que estava dissimulada sob várias camadas de seda para que ninguém, a não ser as minhas companheiras, me reconhecesse. Posso assegurar-te, porque envolvi o seu corpo hirto e gelado no sudário, que Yéchoua estava bem morto naquela noite. Eu própria chorei tanto de desespero. Era estúpida. Não acreditava bastante nele. Agora, a luz fez-se. Vem ter comigo, depressa, no caminho de Nazaré. Amo-te». (295-96)

Na carta 15, confessa como está traumatizado pelo que vai descobrindo. E embora não se sinta atraído pelo caso Yéchoua, reconhece que não é apenas um enigma, mas um mistério, um problema que, definitivamente, não tem solução. Dá que pensar e imaginar. «Mas eu não quero pensar. Eu quero conhecer, saber. O resto não me interessa. Mas também é por isso que há dois dias que estou envolvido num silêncio longo, compacto.. um silêncio pesado e imóvel como uma urna de mármore». (297) Chama Cratério para desabafar com ele. Mas é o filósofo quem se mostra surpreendido com os ensinamentos de Yéchoua. Sobretudo quando fala de amor. «Foi a primeira vez que ouvi um filósofo falar de amor. Que grande erro! Nada se pode fundar sobre o amor!» (299)

Pilatos, agora, já não aprecia as palavras de Cratério e contesta-o vivamente: «Tu passas por um sábio, quando o que é certo é que tu nunca estendeste a mão a ninguém. Jamais deste um vintém, nunca sorriste a ninguém, jamais levaste uma palavra de conforto a alguém. Tu falas, falas, mas a tua acção resume-se ao ruído que tu fazes. Não és mais que um parasita que tem necessidade do trabalho daqueles que tu desprezas. Os teus raciocínios, quando

são dirigidos aos outros, têm por finalidade essencial chocar; quando dirigidos a ti próprio, a finalidade de fazer sentir o peso da tua inteligência. Tu és vão! Tu és Atenas! Tu és Roma! Tu só pensas em ti, não falas senão de ti, não és mais que uma bolha orgulhosa». (299-300)

A questão decisiva sobre Yéchoua é: ressuscitou? Sim ou não? É só um sábio? Ou é o Messias?

Exaltado e indignado com o pretensiosismo de Cratério, abandona-o definitivamente e decide partir, como peregrino, à procura de Cláudia, no caminho de Nazaré. Ao caminhar com outros peregrinos, já não se considera único, mas experimenta uma maior proximidade. Aproxima-se a descoberta importante: «só a fé permite a cada um pensar que tem o direito de estar lá». (304-304) Nova e desconcertante descoberta quando uma mulher se aproxima e lhe lava os pés sem nada querer em troca. É Maria Madalena, uma das primeiras mulheres a segui-lo e a tê-lo visto reaparecer. (305)

Quando Pilatos a trata por escrava, ela não se ofende e responde que «se ser escrava é fazer o bem ao próximo, eu prefiro ser escrava, porque o próprio Yéchoua lavava os pés dos seus discípulos. «Podes tu imaginar isto, Romano? Um Deus que ama de tal maneira os homens que se ajoelha para lhes lavar os pés?» (306) E incita-o a prosseguir o caminho, pois assim encontrará Cláudia. É uma viagem que fazemos, não apenas pelos caminhos, mas sobretudo ao fundo de nós mesmos. (306)

Em contacto com os peregrinos, descobre que a energia que os guia e incentiva a caminhar é a Ba Nova. Eles acreditam que um mundo novo começa, que isso é o Reino de que falava Yéchoua. O mundo vai ser transformado pela Palavra de Deus. Aparentemente o mesmo, será revivificado, infiltrado interiormente pelo amor. Cada indivíduo vai modificar-se a si mesmo. E para que o reino venha, será necessário que os homens o queiram. A mensagem de amor de Yéchoua só se realizará se os homens quiserem amar de verdade. (308) E Pilatos vai confidenciando a Tito que, embora ajuíze mais tarde, para já quer compreender. E não deixa de estar admirado com o facto de que Yéchoua não imponha nada, não force, e faça continuamente apelo à liberdade dos seus interlocutores. «Que diferença com os padres que vos sobrecarregam com dogmas, os filósofos com raciocínios, os advogados com retórica. Yéchoua não impõe,.. solicita uma disponibilidade interior, uma porta que nós abriremos livremente e, com esta condição, propõe a

sua mensagem, o seu sentido e oferece-nos uma vida diferente. Que estranha doçura...» (308-309)

Fabião fica decepcionado com Pilatos, pois verifica que ele está tocado profundamente pela doutrina do amor ao próximo. Acha que a estada na Palestina está a fazer mal a Pilatos. (314 )

Pilatos recorda-nos que as cartas são dirigidas sobretudo a ele mesmo. (321) Ou seja, são um longo monólogo reflexivo sobre as questões vitais. E mostra o seu novo interesse acerca dos homens: não o que eles têm de romano, mas o que poderiam ter de bom, de generoso, de justo, de comum, o que eles poderiam inventar que torne o mundo melhor e habitável. (322) Ele, como bom romano, relativizava tudo. Mas aquele Judeu transformou «a minha questão sobre a verdade». (327). Agora a questão é outra: «Que é que tem valor? Que é que merece que valha a pena bater-se por esse ideal?... Quanto mais me questionava, mais livre me sentia. É o poder que oprime e escraviza; não é o amor». (328) Mas a libertação maior foi a das grilhetas da própria razão, compreendendo que existe também o incompreensível. «Isso tornou-me um pouco menos arrogante e um pouco mais ignorante... Antes era um Romano que sabia; agora sou um Romano que duvida». (329 ) Ao que Cláudia responde: «Duvidar e acreditar são a mesma coisa, Pilatos. Só a indiferença é ateia». (329)

Um argumento ainda resta a Pilatos. Seguindo as recomendações do mestre no sentido de «nunca acreditar naquilo que se está disposto a acreditar», ele replica a Cláudia que ela acredita na ressurreição de Yéchoua, porque estava inclinada a acreditar. E ela responde: «Naturalmente. Eu tenho vontade de acreditar que a bondade tem valor, que o amor deve vencer os preconceitos, que não devemos correr atrás das riquezas, que o mundo tem um sentido e que a morte não deve ser temida» (330) Como poderia Pilatos acreditar sem ter visto? Mas Fabião viu e não acreditou. Não basta ver. É preciso acreditar e entender. Esta fé exige muito trabalho. De momento não exige culto nenhum, deferentemente dos ritos gregos ou romanos, mas ela mobiliza o espírito de uma maneira devorante. «Por isso penso que não terá futuro». (330)

Os argumentos de Cláudia continuam: «Ninguém pode ser forçado a aderir, como não se pode forçar a amar. É preciso dar o consentimento à fé como se dá ao amor. Yéchoua respeita os homens. Dá-nos um sinal, pela sua história, mas deixa-nos livres de interpretar o sinal. Ama-nos demasiado para que nos possa forçar.

E é porque nos ama que nos permite duvidar. Esta parte de escolha que nos deixa é o outro nome do seu mistério». (332)

Pilatoss confessa-se perturbado por este discurso. E nunca convencido. Para mais com esse sinal distintivo dos cristãos: a cruz. Mas é novamente Cláudia que responde, reflectindo em voz alta: «Eles não estão errados. Mesmo que o sinal seja horrível, foi sobre a cruz que Yéchoua nos manifestou o essencial. Se se deixou crucificar, foi por amor pelos homens. Se ele ressuscitou, foi para mostrar que ele tinha razão para amar. E que é preciso sempre e em toda a circunstância, mesmo que sejamos desmentidos, ter a coragem de amar». (333)

No último parágrafo, Pilatos ainda não afasta as dúvidas. E porque duvida, ainda há esperança. É o que aparece no *Post-scriptum*. «Esta manhã, eu dizia a Cláudia que se julga cristã – fica bem a sabê-lo – que não haverá mais do que uma geração de cristãos: os que viram Yéchoua ressuscitado. Esta fé extinguir-se-á com eles, na primeira geração, quando fecharem as pupilas do último velho que tenha na sua memória o rosto e a voz de Yéchoua vivo.

– Nunca serei cristão, Cláudia. Porque eu não vi, eu estraguei tudo, eu cheguei demasiado tarde. Para acreditar, eu deveria acreditar primeiro no testemunho dos outros.

– Então, talvez sejas tu o primeiro cristão». (334-335)

### 3. Breves considerações sobre este Romance

Dissemos que a leitura deste texto constituiu para nós uma agradável surpresa, porque, no essencial, pode ser subscrito por qualquer cristão. Atendendo a que é um romance, não se lhe exige rigor exegetico e histórico em todos os aspectos, pois que o próprio autor é certamente consciente de que, para ler a Bíblia e sobretudo os evangelhos, é preciso aprender a língua do amor <sup>6</sup>.

É a linguagem do amor que fascina autenticamente Schmitt. Todas as considerações da filosofia não o seduzem e sobretudo nada mudam, porque os seus defensores, à semelhança de Cratério, nada fazem abnegadamente pelos outros.

---

<sup>6</sup> N. FRYE, *Le Grand Code: La Bible et la littérature*, Paris, Seuil, 1984, p. 308: «La langue utilisée dans la Bible est la langue de l'amour qui... durera vraisemblablement plus longtemps que la plupart des formes de communication.»

«A Bíblia começa por mostrar na primeira página, que a realidade de Deus se manifesta na Criação, e mostra na última página que a mesma realidade se manifesta numa nova Criação, de que o homem participa. Ele torna-se participante ao ser resgatado dos elementos predadores e destruidores adquiridos pela sua origem na natureza. Entre estas visões da Criação, vem a Encarnação que apresenta Deus e o homem como indissoluvelmente unidos numa tarefa comum.

... A fé não se desenvolve com questões do tipo: “Será que Deus existe realmente?” e respondendo com um igual contra-senso, mas operando com palavras e outros meios de comunicação por uma paz que ultrapassa o entendimento, não porque o contradiga, mas revelando, por detrás da paz humana, que não é mais que uma interrupção temporária da guerra, o modelo proclamado ou mitológico de uma paz infinita, que, ao mesmo tempo, está no seu princípio e no seu fim»<sup>7</sup>.

Schmitt percebe correctamente que todo o discurso sobre Jesus Cristo ganha vigor e autenticidade à luz da ressurreição. Quem acreditar no dogma central da fé cristã, terá de redescobrir Deus. O narrador-personagem Pilatos vai descobrindo na Boa Nova de Jesus ensinamentos que o marcam profundamente e que vão tornando claro que exigem um compromisso consequente. Mas, para tal, Jesus não pode ser apenas uma figura do passado, embora recordada com imenso carinho e admiração. Só a fé na ressurreição projecta luz sobre o devir dos homens.

Este dramaturgo, que teve a lucidez de tentar ler e interpretar as inquietações da humanidade, apresentando-as como suas, deixa entender que os evangelhos proclamam que Jesus Cristo vive hoje e que a identidade cristã se define como encontro actual com esse acontecimento que nos permite viver como ressuscitados<sup>8</sup>. Foi isso que descobriu Cláudia Prócula, na visão romanceada da obra, presenciando a morte e ressurreição de Jesus e convidando o marido, que tanto a admira e ama, a pôr-se a caminho de Nazaré onde, porque o ressuscitado continuava a manifestar-se, poderia

---

<sup>7</sup> N. FRYE, *La Parole Souveraine. La Bible et la littérature II*, Paris, Seuil, 1994, pp. 155-156.

<sup>8</sup> J. ESPEJA, *Jesucristo. La invención del diálogo*, Estella, Verbo Divino, 2001, p. 239.



encontrá-lo. Ela foi capaz de deixar uma maneira muito própria de pensar e de viver, como nobre romana, para aderir inteiramente Àquele que, mais do que um grande profeta, se manifestou como o Filho amado de Deus que mendiga ternamente o nosso amor para que nos sintamos atraídos por ele e pela vida nova de ressuscitados que nos possibilitou com a sua morte e ressurreição.

O romance coloca também o grande problema da modernidade: como acreditar no que não se viu e experimentou? Como acreditar naquilo que contraria a razão ocidental? Não pela via da argumentação racional, mas pela adesão de peregrinos, de quem se põe em caminho e deixa que possa ser pensável, na abertura ao amor, ser encontrado pelo amor absoluto e incondicional de Deus revelado, manifestado e oferecido em Cristo. Só a verdade de Deus nos dá acesso a toda a verdade <sup>9</sup>.

A concepção do homem como Filho de Deus põe em pedaços a concepção de homem do mundo ocidental <sup>10</sup>.

Há uma substituição radical de um modo de verdade reinante quando o cristianismo põe o homem como filho de Deus. «Desde esse momento, é a partir do seu nascimento na Vida que o homem deve ser compreendido, e, assim, a partir da Vida nela mesma e da Verdade que lhe é própria... Dizer que o homem é filho, sendo que não há filhos senão na Vida e esta só e única Vida é a do próprio Deus, é dizer que ele é o Filho de Deus. Por isso a expressão “Filho de Deus” é tautológica» <sup>11</sup>.

Ao definir o homem como filho de Deus, o cristianismo desqualifica todas as formas de pensamento que consideram o homem como um ser do mundo <sup>12</sup>.

O já saudoso Doutor Isidro Alves dedicou a sua vida a tentar penetrar sempre mais nos arcanos da Revelação. Ele, na esteira do Vaticano II, sabia que «a transformação cristã consiste sobretudo na renovação da inteligência» <sup>13</sup>. A vida moral do cristão deve ser um culto espiritual, como dom real da vida de caridade ao Deus

---

<sup>9</sup> Cf. H. MICHEL, *C'est moi la vérité*, Paris, Seuil, 1996, p. 17.

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem* p. 119.

<sup>11</sup> H. MICHEL, *ob. Cit.*, pp. 124-125.

<sup>12</sup> Cf. *ibidem*, p. 123.

<sup>13</sup> M. ISIDRO ALVES, *Il cristiano in Cristo*, Braga, Edições Theologica, 1980, pag. 231.

de Jesus Cristo que se deu aos homens numa manifestação de amor. «A adesão a Cristo e à sua mensagem é uma “oferta”, é o “sacrifício da fé”»<sup>14</sup>. Imitar a Cristo não é como imitar um modelo externo, mas unir-se intimamente com ele<sup>15</sup>.

Em Cristo, continua Isidro Alves, «operou-se uma mudança radical na maneira de entender a relação entre Deus e o homem: já não é mais o homem que se volta para Deus, mas foi Deus que, em Cristo, se voltou definitivamente para o homem. A salvação consiste essencialmente no acolhimento reconhecido do Evangelho»<sup>16</sup>. Para Pilatos, na obra que temos vindo a recensear, o evangelista maior foi sua mulher. Ela incarnou exemplarmente a mensagem do ressuscitado e tudo fez para, no respeito pelas pessoas, a tornar conhecida e acolhida. Ela compreendeu, e Pilatos, como figura emblemática do próprio autor-narrador do texto, também procurou compreender que «Cristo não ressuscitou apenas para si próprio, mas como primícia, na qual toda a colheita é consagrada a Deus. Nele, todos podem tornar-se capazes de regressar ao Pai»<sup>17</sup>.

Sobre a obra de Schmitt, poderíamos dizer, à guisa de conclusão, que «só onde a estética precede e segue a ética, é que a exigência moral é percebida como dignificadora do homem e unificadora dos seus dinamismos»<sup>18</sup>. A cruz, mais que a dimensão trágica do pecado, revela-nos a potência subversiva do amor. «O Deus que se nos revela em Cristo crucificado permite que nos possamos aproximar dele sem orgulho, porque, no silêncio da cruz, nos desvelou a profundidade do nosso pecado; e sem desesperança, porque essa mesma cruz é sinal do seu amor feito perdão»<sup>19</sup>. Relacionado com tudo isto está o problema da liberdade, a ser entendida, não como a faculdade de poder fazer uma coisa ou outra, mas de decidir sobre si mesmo e fazer-se a si mesmo, afirma Cardedal, citando Rahner, e foi para esse ideal que apelou Schmitt através da personagem Pilatos e sobretudo através de Cláudia. Não há liberdade maior do que optar pelo amor incondicional, inclusive o amor

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 235.

<sup>15</sup> *L. cit.*

<sup>16</sup> M. ISIDRO ALVES, *Sagrado e Santidade*, Lisboa, Ed. Didaskalia, 1996, p. 113.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 114.

<sup>18</sup> O. G. CARDEDAL, *Cuatro poetas desde la otra ladera*, Madrid, Trotta, 1996, p. 580.

<sup>19</sup> *Ibidem.*, p. 596.

dos inimigos. Porque não «é o homem que se aproxima de Deus, mas é Deus que inicia o caminho do encontro, supera os obstáculos e instaura as condições para a reconciliação»<sup>20</sup>.

Se é certo que é impossível estudar a cultura ocidental sem estudar a Bíblia, porque «as estruturas que organizam a Bíblia e as estruturas correspondentes da literatura “profana” se refletem umas nas outras»<sup>21</sup>, também é verdade que quem, como Schmitt, encontra na leitura da mesma a seiva rejuvenescedora para os cansaços e enfastiamentos de boa parte das propostas da hodierna cultura ocidental, é porque intuiu que o cristianismo foi algo diferente ao longo dos últimos 20 séculos. «O que fez dele uma base sólida e fecunda de desenvolvimento e de progresso, de liberdade e amparo dos desfavorecidos, de cultura e ciência, foi e é a própria pessoa de Jesus. Por isso o cristianismo não proporcionou apenas sentido para a vida presente, mas é também uma garantia de esperança futura»<sup>22</sup>.

É bem verdade que a Bíblia é um livro edificante, «porque nasceu do amor, que é o que edifica, é crítico, porque a fé dá olhos à nossa inteligência para discernir e adivinhar muito para além do que alcançam as nossas humanas pupilas; e é meditativo, porque implica o sujeito pensante com o seu destino pensado e porque a verdadeira meditação nunca acaba»<sup>23</sup>. Foi isto, acreditamos convictamente, que viram no Livro dos livros e na mensagem que proclama, como iluminação e força para a vida pessoal, quer o autor do *Evangelho Segundo Pilatos*, quer o estudioso e enamorado da obra “evangélica” de Paulo que o Padre e Professor Manuel Isidro Alves mostrou superabundantemente ser, apesar da brevidade da sua vida.

CARLOS NUNO SALGADO VAZ

---

<sup>20</sup> *Ibidem.*, p. 617.

<sup>21</sup> N. FRYE, *La Parole souveraine*, p. 17.

<sup>22</sup> C. VIDAL, *El legado del cristianismo en la cultura occidental*, Madrid, Espasa, 2000, p. 246.

<sup>23</sup> O. G. CARDEDAL, *La entraña del cristianismo*, 2.<sup>a</sup> ed., Salamanca, 1998, XV.